

# A RESENHA ORAL COMO FERRAMENTA NA AULA DE PLA

Marina de Paulo Nascimento<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Minas Gerais/ Faculdade de Letras/maridepaulo@gmail.com

**Resumo:** A presente investigação analisou o desenvolvimento de uma resenha oral com estudantes de português língua adicional. Buscou-se compreender as ideias educacionais envolvidas e a percepção docente e discente sobre o assunto. Os resultados identificaram desenvolvimento pessoal e linguístico e a presença de aprendizagem autônoma e colaborativa por meio de tecnologia.

**Palavras-chave:** ENSINO; APRENDIZAGEM; PLA; RESENHA.

## 1. Introdução:

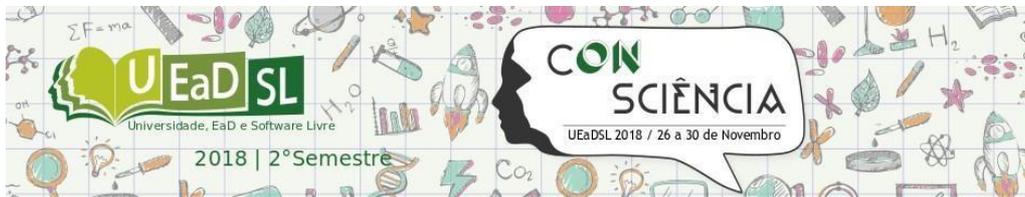
Atualmente, quando refletimos sobre o papel dos professores no ensino/aprendizagem, provavelmente, estamos considerando uma série infinita de fatores ligados à globalização. É inegável a relação entre esse fenômeno e a educação, no âmbito do encontro de diversas nacionalidades em uma única sala de aula, na qual aprende-se o Português do Brasil como Língua Adicional.

Desse cenário, um verdadeiro encontro linguístico, cultural e de realidades socioeconômicas distintas, decorrem, geralmente, discussões calorosas a respeito de diversos temas sobre os quais os estudantes, naturalmente, divergem, demonstrando-se relevante a construção de um trabalho baseado no desenvolvimento da construção argumentativa.

Assim, a presente pesquisa apresenta e discute, a partir das ideias freiriananas de autonomia e construção do conhecimento, bem como de aprendizagem colaborativa e ensino à distância, o caminho metodológico e os resultados da construção de uma atividade que objetivou aprimorar a construção argumentativa em língua portuguesa por meio do gênero resenha.

## 2. Dos Fatos

Para Luckesi (2001), a educação funciona como uma ferramenta de socialização, posicionando-se de forma reativa em meio ao domínio de ideias capitalistas. Tendo isso em vista, acreditamos em diferentes usos dessa “ferramenta”, a depender das perspectivas educacionais envolvidas.



Freire (1996) compreende a aprendizagem como algo em contínua construção, no qual a realidade sociocultural dos estudantes é parte integrante e o “mediador” cria espaços para despertar a curiosidade e a construção autônoma do conhecimento.

Guedes e Rosenthal (2006) consideram colaborativas as atividades em que o conhecimento é contextualizado, tornando-se significativo, e no qual as estratégias potencializam a motivação através de um objetivo comum.

Preti (1996), entende a Educação à Distância como um impulsionador da motivação no ensino/aprendizagem e afirma que a EaD não é uma novidade, perpassando os correios, rádios e telefones até estabelecer-se através da internet em função da contemporaneidade.

### 3. Metodologia

Primeiramente, através das anotações de um diário de mediação, caracterizou-se a dinâmica da construção de uma resenha oral com um grupo de estudantes de PLA, graduandos e pós-graduandos em uma disciplina de *Produção Oral e Escrita*, em uma universidade pública brasileira. Depois, foram registradas as opiniões dos estudantes com base em comentários feitos no grupo da turma no *Facebook*, em que foram publicadas as resenhas, bem como de conversas entre os discentes e a mediadora, no âmbito do encerramento da atividade e, depois, da disciplina.

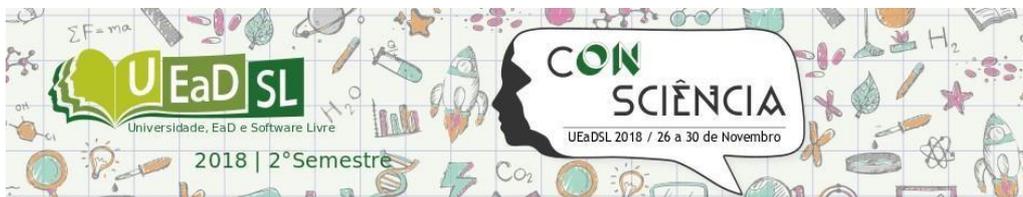
Ao final, analisou-se a construção da resenha do ponto de vista das abordagens pedagógicas presentes no processo e estudou-se as opiniões dos alunos com base na separação por categorias, conforme Creswell (2007).

### 4. Dados

#### a. Construindo a resenha oral.

Em meio à aulas direcionadas à produção oral e escrita em Língua Portuguesa do Brasil, de modo a apoiar o preparo dos estudantes para situações da vida cotidiana, demonstrou-se importante criar um espaço para o aperfeiçoamento das construções argumentativas.

Com esse intuito, a mediadora do grupo propôs a gravação em vídeo de uma resenha oral, baseada em qualquer material brasileiro: livros, discos e filmes, etc. a serem escolhidos pelos próprios estudantes.



Previamente à atividade, disponibilizou-se no grupo dessa turma no *Facebook* diferentes materiais a respeito do gênero em questão: vídeo aulas, textos e até mesmo resenhas orais gravadas por outras pessoas. Ademais, indicou-se a pesquisa de materiais adicionais, para além dos acessíveis na rede social, de forma a cada um ser protagonista na construção da aprendizagem sobre o assunto.

Depois, com base no conhecimento construído sobre o tema, os estudantes elaboraram um roteiro, apresentando aos colegas, pelo grupo virtual, a organização e as abordagens (histórica, científica, cultural, etc.) selecionadas em defesa dos pontos de vista que defenderiam.

Tendo em vista a colaboração mútua, além de compartilhar os roteiros, todos foram instruídos a interagir com os colegas por meio de comentários, de modo a um enriquecer a preparação para o trabalho do outro.

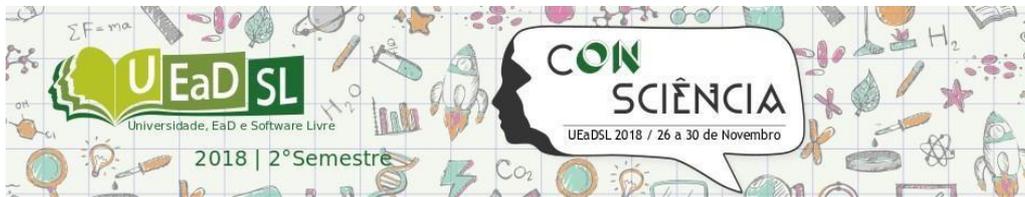
Finalmente, através da contínua colaboração entre os colegas, as resenhas foram compartilhadas, permitindo a mediadora considerar a dinâmica como bem-sucedida, principalmente, em função do engajamento coletivo.

#### **b. Diário de mediação**

É interessante pontuar que em todo decorrer da atividade, a mediadora respondeu as indagações dos discentes através do *Facebook*. Com isso, de modo a incentivar uma maior tranquilidade na exposição das resenhas, foram gravadas e publicadas explicações e mensagens de incentivo.

Assim, com base nos questionamentos, identificou-se **o receio de julgamentos negativos sobre os trabalhos** como um dos maiores desafios do processo. Nesse sentido, os vídeos da docente enfatizavam o interesse comum de todos, bem como a livre decisão sobre os materiais resenhados, evidenciando-se as práticas de colaboração e a possibilidade de autonomia como ferramentas de auxiliares no processo.

Por outro lado, a **liberdade de escolha do roteiro** também pareceu suscitar muitas dúvidas, pois os estudantes sentiram a necessidade de um modelo específico a seguir. Com isso, mesmo não considerando a melhor alternativa, temendo limitar a criatividade dos alunos, a docente postou uma sugestão de roteiro, mas salientou que cada um deveria escolher o próprio caminho. Como trata-se de um curso de língua, consequentemente, as **questões linguísticas** formaram o terceiro bloco de maior demanda. A procura pelas “melhores” palavras para determinados contextos, bem como a utilização mais gramaticalmente adequada dos tempos verbais tomaram corpo. Nesse ponto, as dúvidas foram respondidas particularmente, por meio de



mensagens escritas ou áudios e quando mais comuns, explicadas no grupo geral.

### c. A voz dos estudantes

Mediante aos comentários e mensagens compartilhadas pelos discentes durante o desenvolvimento da atividade, identificou-se a caracterização do processo de diversas formas, perpassando, principalmente, as ideias de **desafio** e **atividade pouco habitual**. Evidenciou-se, portanto, que para muitos dos estudantes, a elaboração da resenha configurou a primeira experiência com a gravação e edição de um vídeo, alinhando-se à percepção desse momento como o de **maior exposição, face à um contexto argumentativo em Língua Portuguesa do Brasil**.

Em contrapartida, nos comentários finais, a atividade foi considerada como uma ferramenta que deu suporte à **superação de um desafio social**, no tocante à **exposição** e também no **desenvolvimento linguístico** dos envolvidos, ao passo que muitos dos componentes do grupo reconheceram avanços na superação do desafio da exposição, bem como no aperfeiçoamento da expressão de argumentos por meio da Língua Portuguesa do Brasil.

## 5. Análise dos dados

Considerando a Pedagogia da Autonomia (1996), reconhece-se o alinhamento da atividade discutida às ideias freirianas, haja vista o acesso livre aos materiais para a construção autônoma do conhecimento e a possibilidade de escolha dos objetos resenhados, permitindo o envolvimento ativo dos estudantes no processo.

Tomando a perspectiva da aprendizagem colaborativa de Guedes e Rosenthal (2006), identificamos convergência com a proposta de desenvolvimento das resenhas, por causa da partilha de um mesmo objetivo, intermediada pela contínua interação com os colegas, possibilitando, assim, a exposição e o acolhimento de críticas direcionadas à efetivação de um mesmo interesse.

Sobre o Ensino a Distância, tal qual apresentado por Preti (1996), identifica-se na dinâmica apresentada o aspecto motivacional, contextualizado contemporaneamente com o suporte da de uma rede social amplamente utilizada pelo grupo.



## 6. Conclusão

O estudo apresentado discorreu sobre o processo de elaboração de uma resenha oral por estudantes de Português como Língua Adicional, com vistas a aperfeiçoarem a construção argumentativa de seus discursos nessa língua-alvo, tendo em vista, principalmente, a perspectiva da docente e dos discentes envolvidos no processo. Assim, conclui-se, com base nos dados levantados, que além do aperfeiçoamento linguístico, a dinâmica proporcionou a participação ativa dos sujeitos em suas próprias aprendizagens, bem como o exercício do trabalho em equipe, configurando-se, assim, tal qual uma “ferramenta socializante”, indo ao encontro do que Luckesi (2001) propõe como função da Educação.

## Referências

- [1] Creswell, J. W. (2007). Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto (2a ed., L. de O. Rocha, Trad.). Porto Alegre: Artmed. (Obra original publicada em 2003 FREIRE, [2]
- [2] Paulo Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- [3] Guedes, C., & Rosenthal, H. (2006). Desenvolvendo atividades colaborativas na escola. Comunicação & Educação.
- [4] LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. 11 ed. São Paulo: Cortez, 2001. PRETI, O. Educação a Distância: uma prática educativa mediadora e mediatizada. Cuiabá: NEAD/ IE –UFMT. 1996.
- [5] PRETI, O. Educação a distância e globalização: desafios e tendências. **R. Bras. Est. Pedagogia**. Brasília, v. 79, n. 191, 1998.